

RELIGIÃO E PÁTRIA.

PERIÓDICO RELIGIOSO, POLÍTICO E NOTICIOSO.

RESPONSÁVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

NUMERO 15

QUINTA FEIRA 5 DE FEVEREIRO DE 1863

I. SERIE.

GUIMARÃES 4 DE FEVEREIRO.

A UNIFICAÇÃO DA ITALIA

I.

A revolução inimiga capital do Pontificado tem trabalhado, e ainda trabalha, incessantemente na realização da sua obra, e para o conseguir tem ao seu serviço uma boa parte de publicistas, muitos dos quaes constituem a imprensa jornalística. Estes, fiéis observantes dos preceitos e costumes da revolução, adulteram ou omittem a publicidade dos actos, momentaneamente succedidos na Italia, desde que os revolucionarios, erguendo o collo, sacrificaram ao imperio da confusão e da desgraça aquelle bellissimo paiz, mais prospero e florescente quando era dividido em pequenos estados, do que na actualidade.

A obra da Italia é a obra da revolução. E a revolução pretende impor-se como lei suprema a todos os povos da terra, sobre os quaes deseja exercer o seu imperio de despotismo e tyrannia, de que já tem dado exuberantes provas, como iremos demonstrando. Esta obra não pode ser agradável serão aos seus auctores, revolucionarios, e aquelles que lucraram com a desordem e a anarchia nos estados.

A revolução sabe tudo isto: conhece-o perfeitamente, mas, para esconder seus maus instinctos, fingem-se pelos seus differentes órgãos sem largar a máscara da hypocrisia: — emprega a maior cautella na exposição das suas doutrinas para que se não conheça o veneno de que vão re-beadas: — encobre todos os seus defeitos e desculpa as fraquezas, ainda que haja de recorrer á falsidade, — é infiel na exposição e apreciação dos factos, procurando por este meio illudir os povos; — eleva e sublimiza os seus adeptos attribuiendo-lhes virtudes, e imputa aos contrarios, ainda os mais innocentes, toda a especie de crime, fazendo-o sempre sem respeito, seja qual for a sua cathedra — em geral renuncia a verdade e faz uso da mentira, embora tenha de sacrificar a consciencia d'aquelles que a servem.

Em quanto que por um lado usa, emprega e dispõe d'estes meios em toda a parte, em tudo e para tudo, por outro continua fazendo o seu recrutamento entre os miseraveis para quem a honra, o caracter, e a educação é uma chimera, extirpando sempre os que julga mais capazes para a execução dos seus planos e ardis. E' pois assim que ameaça revolver todo o universo e, se tivesse o poder necessario, destruir o Pontificado, e o Catholicismo, em seguida aos thronos derrocados dos principes que lhe recusaram preito e vassallagem.

E' deste modo que só podem e devem ser avaliados os actos e tentativas, de que a infeliz Italia tem sido theatro.

Não foi o povo que se revoltou, mas sim os revolucionarios que operaram um movimento já antes projectado e estudado; não foi o povo que expulsou os principes dos seus thronos, mas os revolucionarios preparados pela ambiciosa politica de Cavour e capitaneados por Garibaldi; não é o povo que tem guereado, e ainda guerreia o Pontificado, mas sim os revolucionarios, que com justissima razão se podem chamar os maiores tyrannos da sociedade.

Não nos é necessario inventar e phantalar provas para confirmarmos esta assertão, porque ellas infelizmente abundam. Os revolucionarios tambem são povo, mas um povo que se quer impôr liberal, e se dirige por suas leis peculiares, ás quaes falta o assenso da boa

razão, e a conformidade com o direito bem regulado. Similhanças leis são, não só a causa dos males que ao presente soffre a sociedade afflicta, mas até a origem da desordem e da anarchia, signaes característicos de todos os revolucionarios. E é a esta ordem de gente que a Italia tem de ser grata pelos beneficios que goza. E' ao immortal Cavour, e ao invencivel Garibaldi que o povo italiano deve levantar gigantescos padrões para ser eternizada a sua memoria.

Trouxeram-lhe dias de felicidade e de ventura que de certo elle talvez não saberia bem apreciar.

A ventura salvou a França com os sacerdotes, e com elles alli voltou — diz Verdenal.

Sempre foi reconhecido por um dogma, que a igreja é a taboa de salvação: que a missão d' seus ministros é divina, e que elles gozam da plenitude de um poder que lhe foi conferido por Deus — o poder de ligar e desligar — *quodcumque ligaveris super terram &c.* Hoje porém que alguns homens têm folheado outras historias, hoje que têm lido por outros livros, e a sua vista é de tal alcance que até no sol acham manchas, allí andam insinuando outra doutrina, e para que não falta alguma palavra a favor da igreja fazem dizer a S. Jeronymo, que todo o mal tem a sua origem na igreja: — que ninguém corrompe o povo senão os padres! Falou-vos deduzir a consequencia logica e natural — o que é mau deve banir-se do cimo da terra, e pois que a igreja é a origem e os padres os unicos instrumentos que corrompem o mundo — alague-se a Igreja e sepulte-se debaixo da terra os seus ministros — não haja em fim religião catholica porque é obra de Satanaz: isto o que quereis que se infira das palavras que apresentas como salidas da bocca de S. Jeronymo? mas então é forçoso convir que a igreja, os Apostolos e os primos padres, que na igreja exercam o ministerio da palavra, nenhuns d'estes tiveram vicios a combater, porque os homens eram santos os anjos em carne? que dizis? Ainda se pôde acrescentar que J. G. prevenindo os seus discipulos de que elles, e toda a Sua igreja havia de soffrer perseguições, cometeu um erro? deveria talvez dizer que Elle os collocava sobre a terra para serem os assassinos dos povos, e que a Sua igreja era filha das trevas!

Deveremos concluir finalmente que se a igreja é a origem de todo o mal, não pôde fundar-se, n'este corpo místico, virtude alguma, e será necessario que a origem d'esto doutrina sublime se vá procurar nos clubs, e que n'elles se asyle! E é isto a que chamamos philosophar? Se o philosophar é assim, melhor será não philosophar.

Não profaneis a escriptura santa; este livro é todo divino — tremi ao lê-lo. Não interpreteis arbitrariamente os textos dos Santos Padres: sóis polticos sem politica, e escriptores sem critica. Quando um prefeito ou chefe da cosinha do imperador Valente quiz usar de textos da escriptura com S. Basilio, o santo lhe disse com firmeza — o que a li te teza é pensar como se compõe bem uma e outra, e não como se entendem os textos e ordenam os dogmas da nossa religião. Se o santo teve razão para assim fallar, não é direi eu, porém é certo que muitos homens, levados da vaidade, procuram um nome a todo o custo, sem que lhe importem calar a sua propria convicção, nem que a sociedade se precipite no maior dos abysmos: para adquirirem os applausos eternizam as disputas em materias de religião, e é assim como se tem augmentado a incredulidade em os nossos dias — são

os pomposos elogios que se tem prodigalizado aos escriptores de fazer bulha, o que tem feito laborar um certo desprezo pela nossa religião. Estes elogios embriagam o escriptor presumpçoso, e fazem-lhe perder a cabeça. Isto mesmo já foi confessado por Boulanger, que teve a felicidade de ser abtinado no fim da sua vida para detestar os erros da sua juventude.

A vaidade de ostentar talento faz muitas vezes cahir em absurdos politicos e religiosos; e é por isso que disse um distincto escriptor — ter muito espirito e nenhum juizo é ter o superfluo, e a carecia do necessario. O certo é que hoje se acha a sociedade abafada com as fumaças de muitos escriptores cujas boccas só respiram a infecção dos sophismas, e suas linguas exalando o mortifero veneno dos aspidos, se movem somente para dar a morte com o dolo, com a mentira, e seducção.

Nestas tristissimas circumstancias, se alguém ha a quem a historia do passado, e os factos que vão decorrendo não tenha feito tremer de susto, a estes direitos com Erasmo — têm coração de turco, e nenhuma estimação pela religião que professam.

A mania dos criticos dos nossos dias é desdenharem da religião em vez de lamentarem os crimes que elle commette: todos a seu empenho é entusiasmarem a fúria e a coragem dos povos para destruir o culto que os incofinamoda: e d'aquí vem o confunfrem os crimes que se commettem por fragilidade da nossa natureza com os de rebellião e apostasia.

Todos sabem que os costumes de muitos filhos da igreja, assim padres como leigos não são tão puros com a sua fé, mas todos temos a nobre coragem de confessar os erros; ninguém pretende justificar-os dando ao crime o sobrio e a apparencia da virtude — não, que isso é privativo dos illuminados, e dos Porcos immaculados. Pôde o homem ser fragil, ser peccador, mas o seu espirito e a sua fé ser a mesma que animou o corpo da igreja em todos os tempos. Ninguém vos disse ainda que o pastor e o rebanho estão isentos de culpas, mas nem aquelle nem este se têm tornado calumniador, perseguidor e apostata da igreja. Todos sabem que n'este asylo de caridade — n'esta arca de salvação se tem creado grandes verdugos — grandes monstros, mas logo que foram conhecidos foram tambem considerados como ramos cortados da arvore: a igreja os separou de si ou elles se separaram d'ella, porque já tinham apostatado em seu coração. Taes foram um Lutherico — um Ario — um Tertuliano, e outros; e taes são ainda hoje um Passaglia e outros fiéis a igreja lamenta, e nós tambem. — Perdão — não é d'estes que vos pretendeis fallar, porque estes não foram nem são hypocritas!

Não daremos mais extensão a este artigo, porque temos presente essa maxima judiciosa que muito respeitamos. — Em materias sobre religião não se deve interter polemica com aquellas pessoas de quem houver receios que podem proferir improprios, desprezos e blasfemias.

O Vimarãense causa-nos lastima. No seu n.º 73 revela o seu estado desesperado por haver quem corrija os seus erros de doutrina, e quem se atravessasse na estrada perigosa, que o articulista pretende seguir. Com a prosapia de um pedante afirma de cadeira que S. Jeronymo diz «que não ha mal que não venha da igreja, nem desmoralisação, que não venha dos padres». Isto nem revela o talento do sophista, nem os recursos do genio. É uma revoltante calumnia ao grande P. da igreja.

Pois o doutor maximo, a quem a igreja consagra tanta veneração havia de injuriar assim a mesma igreja? Pois é lá possível, que um escriptor de tanto talento, testemunha occular dos grandes progressos e dos immensos beneficios, que a igreja fazia á humanidade, deixasse sahir de sua pena uma asserção d'esta ordem? Quereis agora a explicação d'isto? O *Vimaranense* foi ler le Clerc e Barbeyrac, inimigos declarados dos padres da igreja, copiou e atirou ao publico sem querer saber de mais nada. Se nos mostrar nas obras de S. Jeronymo esta passagem, que finge transcrever, damos-lhe um biscoito.

E' PRECISO QUE LHE LEIAM OS EXORCISMOS

O *Vimaranense* está de tal sorte possuido pelo *evil spirit* que nem S. Jeronymo lhe escapa.

Este santo que teve de pugnar pela unidade da igreja contra os Luciferianos do seculo 4.º, se cá pallsse voltar hoje, não só tinha de pugnar por esta mesma unidade mil vezes atacada pelos *luciferianos* do seculo 19.º, senão pela própria dignidade ultrajada e pela honra de seu nome caluniado pelos *luciferianos do Vimaranense*!

Decididamente, aquella folha traz coisa ruim. E' preciso que lhe leiam os exorcismos.

Por fim de contas o *menino do Vimaranense* tirou a mascara, e revelou-se.

Tomou a seu cargo defender a maçonaria, e é tal o modo porque o faz, que nos dá o direito, e a todos os que o lèrem, de o reputarem sem duvida alguma como um *menino tontinho*, pois outro nome não pôde dar-se a quem cobardemente abandona o campo, e vem cantar victoria nas colunas da gazetinha dizendo á bocca cheia que os inimigos se batem em retirada.

O *menino* para defender a maçonaria accusada por prão das exequias do irmão Porco, que ali se deu no *Vimaranense*, não viuamos um só signal que o demonstrasse, deveria antes de tudo convencer-nos de que estavamos em erro, por que havia lá (no templo maconico) a imagem de Christo, da Virgem, dos Apostolos, d'algum Santo, ou pelo menos uma cruz; e que as preces endereçadas ao Eterno eram as prescriptas nos rituaes da Igreja para este fim approvados, e autorisados. Ora se o *menino* nada d'isto fez, por que razão canta victoria? O *menino é tontinho*.

Para poder cratar a victoria, fazendo-nos bater em retirada, devia o *menino* convencer-nos com a força da sua dialectica, que é permittido aos catholicos offerecer a Deus publica, ou particularmente um culto e por um modo que lhe desagrade, por um modo que lhe não é devido, por um modo enfim differente, e em tudo contrario ao culto da sua Igreja.

Se o *menino* queria cantar victoria fazendo-nos bater em retirada, deveria convencer-nos de que a virtude, que alli se recommendou, não é a virtude maconica, isto é, o segredo, a obediencia, a união e o trabalho para o bem da ordem; pois, quem está persuadido que a maçonaria não é catholica, não deve nem pôde querer que se recommende alli a virtude evangelica.

Como é, pois, que vamos em retirada, se nos conservamos ainda no mesmo posto? O *menino* não entende bem o Genuense, é um tontinho.

Nós, bem longe de largarmos o campo, e de nos batermos em retirada, ainda occupamos a mesma posição e sustentamos-a-hemos sempre com valor e coragem por que estamos certos de combater pela verdade.

Temos diante de nós uma folha de Lisboa que nos merece todo o credito, na qual se lê — A crença maconica rejeita a *creação* no sentido christão; não crê na *immortalidade* da alma, não admite a *revelação*, nem *Deus pessoal*, nem a *incarnação* do Verbo, nem a *Redempção* com a *Resurreição* gloriosa e *Ascensão*, assim pois, não só não é catholica, mas nem sequer é christão; e pelo contrario está mais perto do paganismo do que do Christianismo (Ir. Mauricio Muller Jochnus: A reforma religiosa, v. 3. pag. 288).

Que quer pois o *menino* que lhe digamos em presença do que levamos dito? O que nos parece mais acertado é que ralhe com o seu proprio *Vimaranense* se elle não foi exacto na descripção que fez das exequias, e que refute a doutrina do irmão Mauricio: fa-

ria n'isto grandes serviços á *ordem* maconica, a nós, e aos seus leitores, desvanecendo por este modo todas as suas suspeitas que possam haver.

Abraçe pois o nosso conselho, e deixe-se de mentir mais, por que faz uma cara muito feia. Os padres no pulpito não tractam questões dynasticas, não inculcam aos povos systemas politicos nem apreciam os actos de qualquer empregado publico, nem tractam de politica como falsamente o *menino* assevera; se elles «os padres» fulminam os vicios da época qualquer que seja a fonte d'onde dimanam, e ensinam os povos a cumprir o seu dever, é esta a missão que receberam de J. C. missão que devem cumprir escrupulosamente, apesar das calumnias dos *meninos*, insultos dos homens, e perseguição dos tyrannos.

Por fim lamentamos com o *menino* que a Igreja tenha soffrido muito por causa das ambições, e excessos de alguns de seus filhos, que, offendendo-a, a abandonaram, ou mereceram o seu abandono.

Os Arios, os Phocios, os Lutheros e todos os scismaticos, hereges e mais perturbadores, até um Passaglia, e um Fr. Pantaleon, têm feito na verdade alagar de inconsolaveis lagrimas a Santa Esposa do Cordeiro, mas estes estão fora da Igreja, apartaram-se da sua communhão. Serão estes os vendilhões de que falla o *Vimaranense*? serão estes clerigos que a maçonaria combate!

Numa palavra, *menino*, se a maçonaria tambem quer as honras de reformadora, mostre-nos a sua auctoridade, e se os mações querem as honras de Apostolos, provem a legitimidade da sua commissão.

O *Vimaranense* de sexta feira parece lutar com as agonias da morte. Papel sem crenças e sem caracter, hontem opposição, hoje governamental, amanhã absolutista ou republicano talvez, dá um documento bem triste da sua ineptia na resposta á carta do sr. Moreira. Arroja-se furioso contra o digno parochio d'Ajuda por lhe retirar a sua assignatura e por discordar das suas opiniões! Pretende devassar-lhe a sua vida privada e publica.

Que liberdade é a vossa que tanto apregoaes? Pois não estará um vosso assignante no direito de deixar de assignar a vossa folha porque as suas doutrinas lhe desagradam? Pois não admittis no homem a perfectibilidade?

Não consentis que o homem reconheça os seus erros e se emende? Quereis que o homem permaneça sempre no mesmo estado? Conhecemos o vosso *liberalismo* egoista, conhecemos que sois *liberaes*, mas em absurdos, em ineptias, em calumnias e em desvarios, que podem comprometter o futuro da sociedade.

Principiamos hoje a dar á estampa o discurso do sr. deputado Pinto Coelho, proferido na tribuna parlamentar, quando se discutia o projecto de reforma do ensino.

Nelle se encontra exuberantemente tractada a difficillima questão, que lhe servio d'objecto, e a verdade dos factos, e o peso das razões e da dialectica resalta admiravelmente por entre as gatas d'uma fluente e pomposa dicção.

Publicamo-lo, porque não queremos privar os leitores de terem conhecimento d'um tão monumental discurso, que é sem duvida um preciosissimo documento para a historia contemporanea.

DISCURSO PROFERIDO PELO SR. DEPUTADO PINTO COELHO, NA DISCUSSÃO DO PROJECTO DE LEI DE REFORMA DO ENSINO, NAS SESSÕES DA CAMARA DOS DEPUTADOS DE 14, 16 E 17 DE MAIO DE 1862.

Sessão de 14 de Maio

Sr. p. es. lente — O discurso, com que o meu illustre amigo, o sr. Beirão, incetou este debate, foi diversamente interpretado, pelos dois nobres oradores, que se lhe seguiram.

O sr. Casal Ribeiro, relator da maioria da commissão julgou ver nas palavras eloquentes do meu nobre amigo uma adhesão completa á generalidade do projecto que se discute.

O sr. Ferrer, defendendo o parecer que firmou, como minoria da commissão, interpretou aquelle voto em sentido contrario a ambos os projectos e sustentou

que ambas as fracções da commissão estavam igualmente obrigadas a *carrerem* como s. ex.ª disse a sua testada, e a responderem aos valiosos argumentos do meu amigo.

Cumpre-me, sr. presidente, esclarecer e firmar bem a nossa posição, para que ambos os illustres deputados, a camara, e o paiz, saibam perfeitamente a opinião, que eu e os meus amigos politicos seguimos no objecto importante que se discute; e o modo, e o sentido, em que havemos de votar.

Sr. presidente. Examinando o projecto da maioria, e o da minoria do commissão, e comparando-os ambos, o nosso desejo será rejeitar um e outro.

E se tivéssemos nesta casa uma forte iniciativa, seria decerto esse o nosso proceder, concluindo por apresentar uma substituição a ambos os projectos, na qual consignassemos, clara e terminantemente, os nossos principios sobre a questão.

Privados por essa iniciativa forte, e attendendo além d'isto a circumstancias ponderosas do momento, julgamos conveniente approvar na generalidade o meo mau dos dois projectos, e reservamo-nos para lhe propor na discussão da especialidade as emendas que podermos.

Ambos os projectos concordam em confirmar e ampliar a exclusão das ordens religiosas. E nós que lamentamos a extinção d'ellas, e desejamos vê-las readmittidas; não podiamos de nenhum modo acompanhar a commissão neste voto de exclusão.

Ambos elles concordam tambem em excluir os religiosos do ensino official. E nós julgamos inconveniente, injusta, inconstitucional, irreligiosa até esta exclusão.

Mas o projecto da maioria da commissão para ahí, enquanto o do governo abraçado pela minoria, esconde a exclusão ao ensino, e mesmo aos serviços hospitalarios, prestados pelos corpos de mão morta, conclue por um voto de confiança ao governo, que, interpretado e explicado pelo sr. Ferrer no seu voto e a separado, significa a acção irreligiosa no seu maior auge.

E nós, sr. presidente, não podiamos deixar de votar contra os dois projectos da maioria da commissão, e de lhe prestarmos o auxilio dos nossos votos, afim de impedirmos, se é possível, a ampliação do mal, que reprovamos, e sobre tudo a concessão de semelhante voto de confiança.

Approvamos pois, na sua generalidade, o projecto da maioria da commissão, não porque estejamos de accordo com ella no que ella concede ao governo; mas porque queremos auxiliá-la com os nossos votos no que ella lhe nega, no que ella lhe recusa.

Estas é que são as nossas vistas — esta é que é a verdadeira significação do nosso voto.

Definidas assim as posições — permitta-me ainda a camara, que antes de entrar na discussão do projecto, responda a um convite, que nos dirigiu o sr. ministro da marinha.

S. ex.ª perguntou-nos, se nós, os realistas, na alliança que, sobre esta questão haviamos feito com a opposição liberal, abdicamos todos, ou alguns dos nossos principios politicos; e muito especialmente o principio dynastico.

Responderei a s. ex.ª que não houve n'esta questão, alliança nem transacção alguma entre o partido realista e a opposição liberal. (Apoiados).

Responder-lhe-hei mais que mantemos intactos todos os principios que constituem o nosso credo politico, sem excepção de nenhum; de nenhum, repito eu, para responder inteiramente ao convite, talvez pouco curial, de s. ex.ª.

E sabe o nobre ministro, porque motive nós os realistas, nem sequer tentamos alliar-nos com a opposição liberal nesta questão?

Se o não sabe, eu lho digo.

Sabiamos de antemão, que a opposição não estava de acordo connosco em principios; sabiamos portanto, que a alliança não podia vir, senão em resultado da mesma transacção.

Mas, para nós, a transacção é licita, até certo ponto, em questões politicas: não o é em questões religiosas.

E esta questão sr. presidente, diga-se o que se disser — e eu hei de demonstral-o plenamente — é uma questão muito mais religiosa, do que politica.

Votamos com a opposição, quando se tractou de eleger uma commissão, porque previmos, que os cavalheiros, que a opposição indigitava, posto que fossem

muito mais adiante do que queríamos, não haviam de ir tão longe como o governo queria.

Mas depois de eleitos, nem conferenciámos com elles, nem procurámos saber as suas opiniões; nem de facto soubemos, qual era o seu parecer, senão quando aqui se apresentou e se leu.

E, o que previmos, succedeu porque s. ex.^{ta} permitta-se-me que o diga, andaram muito errados que o governo, mas andaram muito mais que o sufficiente para nunca nos podermos pôr de accordo na questão.

Em politica, sr. presidente, as transacções são licitas — repito-o.

Desde o começo das sociedades, que os povos se agitam, e se debatem, na invenção, na escolha, no aperfeiçoamento das formas, porque há-de ser governados.

E ao cabo de seculos de uma lucta incessante, encarnçada e sanguinosa, pôde dizer-se afoitamente não haver principio politico, que não seja ainda hoje fortemente contestado.

Nós vimos succeder a republica o imperio; ao imperio a tyrannia barbara; a tyrannia o feudalismo; ao feudalismo a monarchia temperada; degenerar esta depois, succeder-lhe a republica, e a anarchia; da anarchia surgir o imperio; ao imperio succeder a monarchia legitima; a esta a monarchia constitucional; a monarchia constitucional succeder novamente a republica; no meio dos excessos levantar-se nova e repentinamente o imperio; e quando viamos o imperio abençoado pela propriedade e pela familia, que elle resgatara do abysmo, em que iam despenhal-as o communismo e o socialismo, vimos-o tremer em suas bases, sobre as bombas de Orsini; e vimos-o já depois em risco de baquear, porque um simples erro em uma parte telegraphica esteve por momentos e a fazer acclamar em um campo de 40:000 homens o principio opposto.

Neste estado de duvida; neste estado de oscillação e revolução continua e successiva, em que todos anseamos o progresso das luzes e da civilisação, mas em que sentimos todos tremer-nos a terra debaixo dos pés, sem segurança, sem idéas fixas sobre ponto nenhum; em que hoje se aceita como melhor aquelle mesmo principio que amanhã se repelle, como errado ou caduco; e que depois se accepte de novo, apenas revestido de formulas differentes — neste estado, digo eu, sr. presidente; neste estado, e nestes assumptos, a transacção é licita em certos casos; a transacção pode mesmo ser necessaria.

Mas em religião, sr. presidente, não!

(Continúa)

CORRESPONDENCIA.

(Continuação).

Sr. redactor.

A calúnia, a mentira e a falsidade são as armas de que se têm servido até agora para denegrirem o meu carácter.

O sr. Manoel José da Silva Guimarães, conto thesoureiro da Junta, havia sido encarregado da receita e despeza das obras da minha igreja, de que depois de repetidas instancias apresentou umas contas, que prejudicavam a freguezia em uma avultada quantia, como examinei das mesmas contas, que estavam englobadas e cheias de equívocos, divagações e incertezas, e que por conseguinte não podiam de modo algum ser admitidas.

O meu dever de Parocho e presidente da junta obrigava-me a reclamar; refuzeri ao sr. Governador Civil para que elle presta-se outras contas, o qual mandára examinar a inexactidão das que havia dado. A Junta de Parochia fôra ouvida e tão escrupulosa se mostrára, que mesmo na minha presença e da auctoridade administrativa me dirigiu os maiores insultos, dizendo cá fôra que eu havia ficado mal.

Que cegueira e que cynismo! Mas não admira que estas boas ovelhas me cusparam injurias.

Um homem, como o sr. Manoel Mendes, que não duvida affirmar em juizo que tivera contracto illicito com a sua futura nora, para impedir o casamento d'esta com seu filho, sem mesmo a conhecer pessoalmente, porque sendo-lhe apresenta-las duas milheres para elle indicar qual fôra, designou uma, ficando ali

demonstrado o embuste e corrido de vergonha o deponente (se é possível ter vergonha!) porque com effeito nenhuma d'aquellas mulheres era a tal nora:

Um homem, que por u.ua pobre mulher lhe não comprar os generos da sua venda angaria duas testemunhas falsas, para depois em que esta dita mulher tinha matado seu proprio filho o qual de apparecera:

Este homem pôde insultar-me á vontade, e calumniar-me como quizer, porque calumnias salidas de tal fonte honram sobremodo.

Por que lances não passou esta pobre mulher! Depois de muito soffrer e de tudo gastar com a justiça, soube-se que o dito filho apparecera robusto e de boa saude em Vizeu!!! E' esta a zelosa ovelha que declama contra mim por negar a sagrada communhão aos peccadores publicos e escandalosos, dizendo com revoltante materialismo = que aquelle homem (o S. S. Sacramento) se não negava a ninguém; e que induzira cinco freguezes meus a requererem ao sr. Arcebispo para lhes dar faculdade de se confessarem por desobriga na freguezia de S. Paio!!

Que apostolo! Que evangelizador no meio d'um rebanho!

Tôem esquecido estas santas ovelhas os beneficios, que hei feito á minha igreja, fazendo sacrificios inauditos, obrigando-me não só a mendigar donativos na cidade do Porto, mas tambem a pôr dinheiro da minha algibeira, do que e testemunha uma população inteira.

Esteu prompto a provar em juizo tudo quanto deixo escripto, e o mais que houver de dizer sobre este assumpto.

Amante da verdade, escravo do dever, e da honra, não tento a ameaça, nem transijo com a mentira e com as paixões.

Podeis dirigir-me todo o fel de vossas injurias, podeis descarregar sobre mim todos os golpes de vossa ira, que nunca desmaiarei. O dever acima de tu lo-

Perdão-vos porque o Divino Mestre tambem perdoou aos seus assassinos, mas não posso callar-me por mais tempo.

Esperei e esperei muito, mas perdida a esperança de vos ver voltar ao vosso dever e aos braços do vosso pastor, solto um brado de indignação para dizer ao publico o que vos sois, o que valeu vossas arguições, e para mostrar aos illudidos a falsidade de vossas perdidas accusações.

Por enquanto fico por aqui.

S. Miguel de Creixomil 27 de Janeiro de 1863.

O Reitor Roberto Gonçalves de Sá.

(Segue-se o reconhecimento).

REVISTA DOS JONAES.

EXTERIOR

ITALIA.

As noticias de Roma dadas pelos jornaes, que tributam respeito e veneração ao Summo Pontifice dão-nô no goso de perfeita saude, e que fôra muito victorioso pelo povo no dia 18 de Janeiro; não obstante os jornaes que lhe são oppostos estarem cada momento a espalhar noticias de que passa incommodado.

Estes ultimos jornaes tambem nos dão a noticia de que o intitulado club nacional em Roma publicára um manifesto, no qual diz que não mudou de opinião, nem reconhece outro poder se não o do governo do rei d'Italia.

Uma parte telegraphica de Roma de 20 de Janeiro, noticia que o rio Tibre inundára uma parte de Roma, e que o marechal duque de Saldanha havia apresentado as suas credenciaes.

Em Turin dirigem-se diariamente cartas anonyntas cheias de ameaças e injurias aos redactores dos jornaes monarchico catholicos, e Peruzzi, um dos membros do actual ministerio pro ura sem-ar a agitação no baixo clero, e amotinal-o contra os altos dignatarios da Igreja.

E a N.poles persegue-se a imprensa, que não tem fe na utilidade da lida permittido que os vallos invadam as officinas, dispersem os tipos e quebrem as prensas.

FRANÇA

A resposta ao lisanço do Imperador, que foi lida

no senado, apoia a politica interna e externa do governo francez.

POLONIA.

Rebentou uma insurreição na Polonia. O movimento é grande, e a guarnição elevou-se a 40:000 homens.

Houve uma lucta encarnçada em Varsovia em que 23 operarios atacaram os russos; estes queimaram os aquartelamentos. Todas as communicações telegraphicas com o interior da Polonia estão interrompidas.

Publicou-se a lei marcial.

REVISTA NOTICIOSA.

Scena edificante. — O Ex.^{mo} Sr. José Fortunato Ferreira de Castro, que ha tempos geme no leito d'uma perigosa enfermidade, conhecendo a gravidade do seu estado, e movido de estímulos de bôta cristã, praticou ultimamente uma acção que não pode passar desapercelida.

Depois de convocar os medicos assistentes, e de lhes pedir que o desenganassem a respeito do juizo que faziam da sua enfermidade, pediu os sacramentos com toda a resignação d'um verdadeiro christão, chamou todas as pessoas do sua familia para junto do seu leito, pediu a tolas, com as lagrimas nos olhos, perdão de algumas faltas, que tivesse commettido para com ellas, e no meio das lagrimas de reconciliação, que cahiam pelas faces de todos os que lhe acerbavam o leito, recebeu mui devotamente os sacramentos, e assim se dispoz para a longa viagem da eternidade.

Não houve ninguém que se não sentisse intimamente movido por tam pathetica scena e todos retiraram d'alli para pedir ao Eterno que se digna-se no lloral-o.

Soirée mascarada. — Foi domingo a *soirée* mascarada na Sociedade Recreativa.

Esteve muito animada, e numerosa.

Entre outros mascarados, distinguio-se muito singularmente um, representando as diformitades e immensas variantes da politica, e dos homens d'ella.

Dancou-se até ás tres horas da madrugada.

Romagem. — Foi uma verdadeira festa popular a romagem de N. Senhora da Luz, que teve logar segunda feira no monte do mesmo nome.

O esplendido sol d'uma primavera antecipada e a amenidade encantadora do sitio, que é um dos mais bellos e pittorescos d'estas redondezas, não podiam deixar de influir muito no numero do arraial que alli se juntou e nas scenas de prazer e alegria intima, que alli se gosavam.

Anuncio. — Depois de estar no prelo a 4.^a pagina do numero d'hoje recebemos o que em seguida publicamos.

Manoel Dionizio, official de diligencias d'este juizo, faz publico que, de hoje em diante, deixa de ser official, e se encarrega de tractar de quaesquer causas ou negócios forenses n'esta cidade, ou em outra qualquer parte; e por isso quem quizer encarregar o annunciante de qualquer negocio pôde dirigir-se a sua casa, numero 9, no largo das Lages do Tournal, d'esta cidade. 28

Incendio — Sexta feira pelas 7 horas da noite, deram as torres signal de incendio, que se manifestou no Cano, em casa d'um vendeiro, por acunha — o Fraga. — O incendio foi causado por uma luz de vandeia, que um filho da casa tinha pendurado n'uma parede em quanto se deitava.

A casa era terra, e ardeu quasi toda. O prejuizo não foi grande.

Outro. — Na mesma sexta feira tarde lançaram fogo á matta, pertencente ao ill.^{mo} sr. João Baptista Sampaio, no monte da Penha. Ardeu bastante matto, antes que podesse ser atalhado o incendio.

Tanques sem água. — E' a quarta maravilha da nossa boa terra. Pois não viram, como por occasião do incendio no Cano, era preciso ir buscar agua a poços particulares e alguns bem distantes?

O tanque do Garino e do Cano apenas gotejam raras pingas.

Pedimos á ill.^{ma} e amara seja servida olhar mais pelo bem estar do povo d'aquellas partes, que, se nos não enganamos, tambem pertence ao município.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

ARCHIVO JURIDICO.

PERIODICO MENSAL DE NOTICIAS JUDICIARIAS E LEGISLAÇÃO DE MAIS INTERESSE TANTO ANTIGA COMO MODERNA.

EDITOR — J. L. DE SOUSA.

Publicou-se o n.º 17 da 2.ª serie que contém:

Legislação sobre novas pesos e medidas e sobre o peso e valor e toque da nova moeda d'ouro e prata, seguindo o sistema decimal;
Decreto de 18 de junho de 1855, que suprime os juizes ordinarios nas cabeças de comarca

Os snrs. assignantes das ilhas dos Açores e mais possessões ultramarinas, que quizerem reformar a sua assignatura, podem fazel-o, mandando o importe em estampilhas de 25 ou de 50 reis. O preço da assignatura Archivo Juridico, tanto para o continente como para o ultramar, sendo enviado franco de porte, é o seguinte.

1.ª serie (dous volumes).....25300
2.ª « (n.ºs 1 a 24, inclusivè — 2 ditos)....25880

Para fora do Porto não se tomam assignaturas por menos de 12 numeros, que custam, com os portes á nossa custa.....15440

Os numeros avulso para fora do Porto, sendo enviado pelo correu, e francos de porte, custa a 150

Remettem-se a quem os pedir, em carta franca, enviando o seu importe em estampilhas.

Vende-se tambem nas principaes livrarias de Lisboa, Coimbra, Braga e Vianna.

O Archivo troca com todos os jornaes politicos e litterarios, e annuncia todas as publicações de que lhe mandarem dous exemplares.

O *Archivo Juridico* além de um noticiario do que durante o mez, tiver occorrido de mais importancia, relativo ao foro judiciario, publicará tambem o n.º dia e de modo que se possam encadernar em separado — *Os Acórdãos do Supremo Tribunal de Justiça* — e os do *Conselho d'Estado* — a contar do primeiro de Janeiro de 1863.

O numero 18 conterá, além do *Noticiario* a *Legislação sobre o recrutamento maritimo.*

PREÇO DA ASSIGNATURA: — Por uma serie de 50 numeros 1\$200 rs. — com estampilla 1\$450 rs. — 25 numeros 600 rs. — com estampilla 725 rs. — Folha avulsa 40 rs. — Annuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondencias de interesses particular 30 rs. por linha. — As publicações litterarias serão annunciadas, sendo enviados a esta redacção dois exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador José Antonio de Faria e Silva.

ANNUNCIOS.

Os devotos que quizerem concorrer para o monumento que se projecta levantar no alto do monte Espinho, com a indicação] que já foi annunciado por cartas podem dirigir-se a casa do ill.^{mo} sr. João de Castro S. Paio na praça do Tournal, que está auctorizado para receber quaesquer donativos que para tão justo fim lhe quizerem entregar.

BANCO MERCANTIL PORTUENSE

Francisco José da Costa Guimarães, Agente do Banco Mercantil Portuense, faz saber aos possuidores das Apolices garantidas, que está auctorizado para pagar os juros do segundo semestre de 1862. 25

THEATRO DE D. AFFONSO HENRIQUES

Neste theatro dão-se ensaios de dança desde as 6 horas da noite, ás 8 e meia, todas as quintas feiras e domingos até ao Carnaval; sendo gratis. 21

BERNARDINO Carneiro Gerales de Vasconcellos, escrivão d'ante o juizo de direito da comarca de Vianna do Castello:

Faço saber que por este juizo e meu cartorio, e a requerimento do fallecido João d'Alpoim da Silva Menezes, hoje do tutor nomeado José Mendes Ribeiro, d'esta cidade, e a instancia tambem do curador geral dos orphãos n'esta comarca, se procedeu á averiguação

summaria ácerca da prodigalidade e desordenada administração de Miguel d'Alpoim da Silva Souza e Menezes, residente que foi n'esta cidade, por sentença do meritissimo juiz de direito d'esta comarca, com data de 17 do corrente mez, foi o mesmo summariado julgado em estado de prodigalidade; e por isso em observancia do disposto na Ord. liv. 4.ª tit. 103.º § 6.º, se annuncia que ninguem venda, compre, nem faça algum outro contracto, de qualquer natureza, ou condição que seja, com o mencionado Miguel d'Alpoim da Silva Souza e Menezes, na certeza de que serão havidos como nullos e de nenhum effeito.

Vianna do Castello, 19 de Janeiro de 1863.

O ESCRIVÃO,

(26)

B. C. Gerales de Vasconcellos.

João de Castro Sampaio na qualidade de agente do Banco União do Porto toma lettras á vista ou a praso sobre as seguintes terras: — Lisboa — Porto — Figueira — Coimbra — Aveiro — Vizeu — Villa Real — Regoa — Vianna do Castello — Barcellos — Lamego — Covilhã — Braga — Penafiel — Bragança — Amarante — e Villa do Conde. Tambem faz saques sobre as mesmas terras. Empresta sobre penhores d'ouro, prata, e brillantes, e sobre titulos de divida publica fundada; acções de Bancos e Companhias. (22)

Quem precisar da quantia de 1:200:000 réis a juros da lei, dando todas as garantias necessarias, pode requerer á Meza da confraria do SS. Sacramento de S. Paio d'esta cidade. 27

THEATRO

DE

D. A. H.

Grande baile

DE

MASCARAS

NOS DIAS 8 — 15 — E 17 — DE FEVEREIRO

PREÇOS DE CAMAROTES

1.ª 2.ª ordem (frente) para tres noites...	3\$840
Avulso.....	1\$500
1.ª 2.ª ordem (lados) para tres noites...	3\$000
Avulso.....	1\$200
3.ª ordem (frente) para 3 noites.....	2\$500
Avulso.....	1\$000
3.ª ordem (lados) para 3 noites.....	1\$800
Avulso.....	720

PLATÊA

Mascaras.....	120
Sem mascara.....	200

Os bilhetes acham-se á venda no Terreiro de S. Francisco n.º 6.

O theatro achar-se-ha decentemente adornado e illuminado a gaz.

N.B. Nos camarins do theatro aluga -se dominis e vestidos em carater preços commodos.